



HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 120p.
ISBN: 978-85-326-5471-7

Rodrigo de Abreu Oliveira*

O livro do filósofo coreano Byung-Chul Han, *Sociedade da transparência*, é terrivelmente verdadeiro. Ele demonstra bem como interiorizamos o sistema pan-óptico, a partir de uma perda sistemática da vida privada. A *ideologia da transparência*, por meio da qual a privacidade não é somente negada, como sequer cogitada, manifesta-se com valores *positivos*. Com ela, explica Han, “as cores não são admitidas como ideologias, mas apenas como *opiniões* desprovidas de ideologia” (p. 23). Tudo tem de ser claramente exposto. Cristalino. É o início de uma *pós-política*, que, segundo Han, equipara-se à despolitização, visto que aquilo que se torna “totalmente transparente só pode ser o espaço despolitizado” (p. 24). Entrementes, esse anseio que tenta tornar a realidade inteira translúcida impactará em diversas dimensões da existência humana. Nos relacionamentos, por exemplo, as pessoas se desvelarão por completo; nada há para ser escondido, nem mesmo os desejos mais íntimos. As artes, por sua vez, serão reduzidas à experiência, enquanto que no religioso, a transparência se anuncia como o oposto à transcendência.

No que diz respeito ao relacionamento, dois problemas se anunciam: um psicanalítico e outro erótico. O ser humano, como explica Han, “sequer é *transparente para consigo mesmo*” (p. 14). O *inconsciente*, um dos principais

Resenha recebida em 25 de junho de 2019 e aprovada em 29 de agosto de 2019.

* Doutorando em Ciências da Religião no PPG Ciências da Religião da PUC Minas. Mestre em Estética e Filosofia da Arte. País de origem: Brasil. E-mail: rodrigodeao@gmail.com

definidores de sua persona, é negado pelo *eu*. O Id se oculta em um universo de potências irruptivas que se manifestam por meios muitas vezes sombrios e repletos de símbolos e significados complexos demais para serem interpretados com uma clareza cartesiana. Em contradição a isso, os envoltórios amorosos se tornariam mais atraentes e interessantes a partir da mútua ocultação entre os parceiros, pois “uma relação transparente é uma relação morta, à qual falta toda e qualquer *atração*, toda e qualquer vivacidade” (p. 16). Os lapsos visuais e de informações, dentro desse novo panoptismo, não são aceitos. A intimidade alheia tem de ser vigiada. Ora, quem hoje não tenta ter acesso à rede social do próximo?! As mensagens privadas do Facebook, do WhatsApp e de tantos outros aplicativos do gênero deixaram de ser privadas nos relacionamentos. No âmbito político, elas são hackeadas e vazadas em busca de mais transparência. Wikileaks é a maior prova disso.

Com o amor não poderia ser diferente. Essa forma positiva de analisar as coisas, de que tudo tem de ser público, o olhar não terá mais a lacuna do ver, segundo Han. O erótico passa a ser pornográfico; a pornografia é a transparência da erotização. A sensualidade é abolida, pois ser sensual é “mostrar-se escondendo”. O amor pressupõe um jogo entre os amantes, e em todo jogo pressupõe-se uma abertura para o inesperado. A convivência translúcida espera que as ações sejam previamente conhecidas. Não há surpresas. É como se fosse um teatro em que as cortinas nunca se fecham. Em cima desse “palco” aberto, a magia e o prazer se perdem, visto que “a tensão erótica não surge da permanente exposição da nudez, mas da ‘encenação de um focar e desfocar’” (p. 60). O gozo (erótico) passaria a ser somente mais um reflexo fisiológico (pornográfico).

A percepção artística será também abalada por causa dessa ideologia da transparência. Nela, o sublime inexistente. Sendo que o belo nos puxa para a experiência, pois a beleza nos remete a um “objeto”, o sublime nos leva a extrapolar toda e qualquer forma de representação, por ser um “não objeto”. Esse “ultrapassamento” da realidade, consoante à filosofia kantiana, pode ser traduzido pela ideia de infinito. Entretanto, na sociedade translúcida, “o invisível não existe,

pois não possui valor expositivo algum, não chama a atenção” (p. 34), explica Han. E isso diz muita coisa sobre o modo como as artes têm sido “usufruídas” e valorizadas. Para serem aceitas, exige-se que sejam pornográficas. No que se refere ao corpo, se a nudez não for ali totalmente exposta, perde-se o sentido e a graça. No entanto, “o corpo que se torna *carne* não é sublime, mas obsceno” (p. 54).

O âmbito religioso também será modificado com esse imperativo translúcido. “A transparência é uma contrafigura da transcendência” (p. 29), explica Han. Nesse tipo de experiência não se pode ter mistério, nem mesmo rituais e cerimônias. A sociedade translúcida exige movimento. Um movimento ininterrupto e acelerado. Os rituais e as cerimônias exigem uma desaceleração. Pressupõem um ritmo único e narrativo. Han faz uma diferenciação entre *aditivo* e *narrativo*. O tempo acelerado é aditivo, visto que é puro movimento. O que é aditivo não pode ser narrativo, por este possuir um grande sentido que se conecta com os rituais e as cerimônias. Se o aditivo se volta para o *processador*, o narrativo se volta para a *procissão*. De acordo com Han, “tanto o processador quanto a procissão remontam ao verbo *procedere*, que significa ‘avançar’”. Contudo, a procissão possui uma tensão dentro da narrativa, enquanto que o processador está desprovido de qualquer narratividade: “contrariamente à procissão, ele nada narra; apenas *conta*” (p. 72).

A peregrinação, portanto, é uma narrativa, pois é um movimento que está repleto de semântica: “o estar a caminho é carregado de significados como penitência, cura e gratidão” (p. 74). Por outro lado, “o espaço transparente é pobre de semântica” (p. 75). Os símbolos e significados são esvaziados. Eles “surgem”. Os acontecimentos não são digeridos, mas somente experimentados. A memória, neste caso, é como se fosse um armazenador, no qual se adicionam e se acumulam experiências. Nada, além disso. A existência humana se torna insossa, sem cadência, ritmo ou perfume, sem a desaceleração necessária para se evitar “*a queda para dentro do vazio*” (p. 78), para o qual, hoje, a sociedade se direciona aceleradamente.